trabalho crítico com os conceitos



Trauma e fantasia*

Colette Soler

A questão "Trauma e fantasia" comporta uma certa parada[1] hoje, mas o hoje em questão é amplo, não sendo particularmente belga, ao contrário do que me diziam há pouco, e sim mundial. Digo "uma certa parada hoje" fora da psicanálise. De fato, na psicanálise, especialmente na psicanálise lacaniana – mas creio que posso dizer na psicanálise em geral – o tema do traumatismo não é particularmente atual, central. Antes, o que é atual – com todas as nuanças que deveriam ser dadas aqui – são os temas da fantasia e do sintoma.

Em compensação, no discurso comum, fora da psicanálise, o tema do traumatismo é cada vez mais atual, quase se poderia dizer um tema em alta. Ele não é de hoje e pode ser datado *grosso modo* do início do século, sendo seu destaque mais ou menos contemporâneo da psicanálise. A noção de neurose traumática, por exemplo, é sem dúvida um dos primeiros nomes do traumatismo nessa época. Hoje, o tema é atual no conjunto do discurso, na psiquiatria, evidentemente, mas não só; ele o é também no discurso da política da saúde, com todas as questões, por exemplo, da indenização dos traumatizados pelas grandes catástrofes, e também no plano jurídico, quando se trata de resolver problemas relativos à responsabilidade.

Existe, pois, uma espécie de oposição, de contraste: mais que o traumatismo, o discurso da psicanálise salienta a fantasia e a implicação subjetiva que ela comporta, enquanto o discurso comum só conhece o traumatismo e não a fantasia; esta nem minimamente é reconhecida, é preciso dizê-lo.

Posso remetê-los talvez a um estudo publicado na França por colegas da École de la Cause Freudienne, Guy Briole e seus colaboradores, intitulado *Le traumatisme psychique, rencontre et devenir*. Se vocês consultarem a bibliografia, constatarão a extraordinária abundância da literatura atual sobre o traumatismo e seus tratamentos.

O que, no fundo, torna essa noção tão atual? Direi inicialmente que o traumatismo é um dos nomes dados à desgraça quando ela vem de fora, sem que se possa imputá-la ao sujeito que sofre suas conseqüências e seu pavor. Imputa-se, de fato, o

* Uma versão deste trabalho foi publicada em *Quarto*. Bruxelles, n.63, 1997

[1] Parada [*enjeu*]: quantia que se aposta ou se arrisca no jogo em cada lance, cf. *Novo Dicionário Aurélio*.

traumatismo, e com razão, a um real na medida em que ele nos cai na cabeça, um real impossível de ser antecipado e modificado, ou, em outros termos, um real que exclui o sujeito, que, portanto, não tem relação com o inconsciente ou com o desejo próprio do sujeito, um real que se encontra e em relação ao qual, como se diz, o sujeito nada pode fazer, a não ser em relação àquilo que carrega suas seqüelas, como marcas que se crêem inesquecíveis.

A lista dos traumatismos efetivos tratados pelo campo da psicanálise é atualmente muito longa: primeiro, traumatismos de guerra; isso começou com a Primeira Guerra Mundial, depois a guerra do Vietnã, mas os estudos ganharam um viço de novidade com os traumatismos da guerra do Golfo e a guerra árabe-israelita. Em seguida vêm os traumatizados do terrorismo, que propiciam igualmente uma série de trabalhos, os traumatizados... dos atentados sexuais, e, em seguida, evidentemente, as chamadas catástrofes naturais. Quanto a estas, apesar de tudo, sente-se que é um pouco diferente. Com a guerra e o sexo, o registro do Outro e de sua obscura vontade está implicado certamente, mas as catástrofes naturais, as inundações, as erupções vulcânicas, os tremores de terra etc. são o que se poderia crer o mais real do real na medida em que exclui todo sujeito. E ainda existem as catástrofes não tão naturais, como Tchernobyl, nas quais se coloca a questão das responsabilidades.

Só evoco essa lista para indicar que o campo do que se intitula campo do traumatismo excede de longe aquele de que se ocupam os psicanalistas.

O que é surpreendente, sobre o que me questiono e que gostaria de enfatizar, é que a sociedade, curiosamente, pelo viés de seus representantes nos diversos níveis do coletivo, se oferece como um Outro restaurador, ou pelo menos compensador.

Dá pra ver bem em nome do quê: em nome da solidariedade. Quando sujeitos sofrem catástrofes, uma solidariedade se mobiliza para ajudá-los a suportar seus desastres, e não simplesmente pela proximidade, como foi desde as origens. É surpreendente constatar que o abandono do sujeito moderno, do qual se tornou uma banalidade dizer que vive em um mundo sem Deus, conseguiu fomentar essa compensação que eu diria... humana. A morte de Deus inscrita, a noção do destino sucumbida sob o golpe de uma inconsistência certa – falo do destino como existia na antigüidade, no fundamento da perspectiva trágica – continua sendo, contudo, o que Lacan chama-

va a contabilidade universal, a ser inscrita no grande livro da memória laica.

Creio que esse século conseguiu substituir o sentido antigo do destino pelo sentido da contingência. A tal ponto que o acaso se põe a funcionar como uma espécie de novo deus, inscrito por um discurso muito difundido sobre "a culpa é da falta de sorte"[2], cuja invocação se supõe aliviar cada vez mais o sentimento tanto de culpa como da responsabilidade individual... em proveito da loteria dos encontros, bons ou maus. Ao contrário, estes devem ser colocados comparativamente à loteria-providência que hoje pode fornecer quase tudo: um filho, se você não tem; um marido, um amante ou uma amante, se você estiver procurando um; às vezes, a fortuna etc... O que me impressiona é que numa cultura sem Outro, na qual o Outro se fragmenta e torna-se inconsistente, a solidariedade coletiva se oferece como um Outro substituto, pobre restaurador sem dúvida, porém compensador ou consolador do sem-sentido real.

Esse processo se alastra amplamente e excede a questão do traumatismo: conta-se com a solidariedade humana para suprir a inconsistência do Outro e a crise generalizada do universal. Isso é muito sensível no nível ético: as éticas contratuais que abundam atualmente – pensemos em Rorty nos Estados Unidos, em Habermas na Alemanha –, baseiam-se no acordo de comunidade no qual o Outro falta. Ou seja, no qual o real fustiga sem consideração pelo sujeito; fomenta-se, contudo, alguma coisa como uma suplência, um Outro "outro", outro que não o velho bom Deus.

Qual é a parada? Finalmente, pode-se questionar a lógica que, no decorrer do século, motiva, explica que se fale cada vez mais de traumatismo.

O ponto de vista da psicanálise dá aqui as indicações, e, depois dessas várias observações preliminares sobre as cercanias da questão fora da psicanálise, gostaria de lembrar que a questão traumatismo-fantasia se encontra no início da psicanálise. Sua atualidade é de algum modo inscrita na descoberta da psicanálise por Freud. Não é para nós uma questão de moda ou uma questão do dia. É uma questão que existe desde a origem, é uma questão que se poderia mesmo dizer inteiramente clássica e que, ademais, ressurge perpetuamente, como o monstro do Loch Ness ou a fênix, de suas cinzas.

Por trás da questão do traumatismo, pelo menos na psicanálise, esconde-se outra questão, a que incide sobre a causa dos sintomas do sujeito.

[2] "*La faute à pas de chance*" como se ficasse subentendido "*c'est pas ma faute...c'est la faute à pas de chance*", personificando "*pas de chance*": "Não é minha culpa, a culpa é da falta de sorte".

[3] Freud. Inhibition, symptôme et angoisse (1926/1986)

Podemos notar que Freud, em *Inhibition, symptôme et angoisse*[3], ao retomar a questão da angústia e de sua articulação com o traumatismo, termina seu capítulo dizendo que a pergunta fundamental nunca elucidada se faz presente mais uma vez (estamos em 1927): de onde vem a neurose? Em *Moïse et le monothéïsme*, igualmente, ele volta à questão da origem traumática da neurose.

Dependendo da forma como se responde à pergunta, admitir-se-á que o sujeito é mais vítima ou, o contrário, mais responsável. A ênfase dada à causalidade traumática da neurose nos interessa muito particularmente porque faz do sintoma o resultado de um acidente da história, de uma das contingências da vida, na qual, no fundo, o sujeito, mesmo com alguma nuança, é essencialmente vítima: vítima do mau encontro mais que parte interessada.

Assim, o debate traumatismo ou fantasia, que se pode acreditar situado num plano estritamente científico da procura da causa, tem implicações que vão muito além da objetividade e que são, digamos, éticas, uma vez que tocam na implicação do sujeito na neurose.

Não há dúvida de que quanto mais se acentua a causalidade traumática mais se inocenta o sujeito, quanto mais se acentua a causalidade não-traumática mais peso recai sobre ele. E de quê, senão da responsabilidade paradoxal de seus próprios sintomas que, contudo, ele acredita sofrer? Compreende-se que o apelo ao traumatismo não seja muito simpático ao psicanalista, porque permite muitas vezes ao sujeito esquivar-se do jogo, recusar sua própria participação, justamente quando o reconhecimento de sua implicação subjetiva no que ele sofre é a condição *sine qua non* de sua entrada na psicanálise.

Eu dizia há pouco que fora da psicanálise se conhece o traumatismo, mas não a fantasia. Posso precisar aqui um elemento de definição mínima. Quando se opõe traumatismo a fantasia, o que isso implica? Isso implica primeiro dois traços – acrescentarei outros ao longo de minha exposição. O primeiro traço opõe o traumatismo como vindo de fora à fantasia que se desdobra, instala-se no espaço do sujeito. A tópica dentro/fora é demasiado elementar, sem dúvida, e Lacan a tornou complexa, mas podemos nos servir dela ao menos numa primeira abordagem descritiva. O segundo traço caracteriza o traumatismo como real. É real enquanto estranho ao sujeito e mesmo excluindo o sujeito; ao contrário, a fantasia é do sujeito, porque a fantasia é conectada ao desejo, isto é, ao próprio ser do sujeito.

Ora, no início da psicanálise Freud acreditou encontrar o traumatismo quando, na verdade, encontrava a fantasia mascarada de traumatismo, a fantasia sob a máscara do traumatismo. É muito interessante, eu os remeto sobre isso à *Correspondência com Fliess*. Vê-se ali um Freud que acredita no traumatismo, e sob uma forma específica, a da cena de sedução da criança pelo adulto, que Freud designa primeiro como o tio para mascarar que é o pai. E depois acompanhamos isso, e é muito tocante, de um ponto de vista epistêmico, ver como Freud, pouco a pouco, começa a admitir que isso não funciona completamente, até a carta 69 a Fliess, em 1897, na qual é tomada a decisão teórica, e ele pode voltar atrás e dizer: "Não acredito mais em minha *neurotica*". Sua *neurotica* que admitia que na origem do sintoma histérico havia um traumatismo real, um arrombamento real, traumático, da sedução pelo adulto.

No tempo um, portanto, Freud supõe o traumatismo e, quando renuncia à sua *neurotica*, é a fantasia que sobe ao palco e que, se é possível dizer, empurra para baixo a teoria do traumatismo. Escrevo com a fórmula da substituição metafórica:

$$\frac{F}{T}$$

Então, quanto a isso, há para ser feito minuciosamente um estudo dos textos psicanalíticos dos trinta primeiros anos nos quais se vê que a teoria do traumatismo se mantém, ressurge. Aqui, seria preciso falar de Rank, falar de Ferenczi e de um renovo mais recente, Jefferson Masson, que quis voltar, pela piores razões, à teoria traumática que Freud teria abandonado... Mas no conjunto, o pensamento, a doutrina freudiana buscou uma redução cada vez maior da dimensão traumática, ainda que, até o fim, principalmente nas *Nouvelles Conférences*, em 1932[4], Freud tenha continuado a manter a idéia de uma parte de elementos traumáticos. Voltarei a falar disso adiante.

Gostaria de me deter em dois textos de Freud: *Inhibition, symptôme et angoisse*, de 1927; e a quarta das *Nouvelles Conférences de Psychanalyse*, texto de 1932, que é consagrada ao que Freud chama *L'Angoisse et la vie Instinctuelle*[5]. Título interessante que hoje seria traduzido sem dúvida como "a angústia e a pulsão". Não vou entrar em toda a minúcia desses textos, gostaria de extrair alguns pontos. Vocês sabem que são textos nos quais Freud retifica e até mesmo inverte completamente sua teoria da relação entre a angústia e o recalque, e mesmo entre a an-

[4] Freud. Nouvelles Conférences sur la Psychanalyse (1915-1917/1986)

[5] Freud. Nouvelles Conférences sur la psychanalyse: L'angoisse et la vie instinctuelle (1915-1917/1986)

gústia e a libido. *Grosso modo*, até *Inhibition, symptôme et angoisse*, sua tese subordinava a angústia ao recalque, a idéia era que a pulsão gerava a angústia, mais precisamente se transformava em angústia. Era pois a idéia de uma conversão da pulsão em angústia sob o efeito do recalque.

E nesses textos, para grande estupor de seus alunos, que levaram um tempo para se recobrar, ele faz uma confissão de erro. Refiro-me aqui à quarta conferência, que é, aliás, construída de uma forma – eu ainda a li para lhes falar – bastante surpreendente. Abro aqui um parêntese. Ele anuncia um resumo de suas teses sobre a questão, e resume no presente. Encontram-se, então, frases que dizem no presente: "a libido insatisfeita se transforma em angústia"[6] e depois de repente ele corrige para dizer que absolutamente não é assim, e que sua segunda tópica com seus avanços sobre a teoria do aparelho psíquico impõe o que ele chama uma "nova orientação" na qual é preciso dizer completamente o contrário: "Não é o recalque que produz a angústia, mas a angústia, que apareceu primeiro, que provoca o recalque"[7].

[6] *Ibid.*, p.111.

[7] *Ibid.*

É uma grande característica de Freud deixar assim no lugar, integralmente, todas as aquisições sucessivas às suas, mesmo quando ele as refuta completamente. Haveria que meditar a respeito... É sempre para mim o objeto de uma surpresa renovada porque a prática habitual, é preciso dizê-lo, quando se escreve, é antes conservar só o que se acredita ser o mais justo, o mais atual ou pelo menos hierarquizá-lo ao que parece caduco. Mas, sem dúvida, Freud valoriza – eu o interpreto assim – seu próprio itinerário, considerando que ele carrega em si mesmo um certo ensinamento. Fecho o parêntese.

Ele inverte, então, sua tese sobre a angústia para dizer que, longe de ser produzida pelo recalque, ela é a causa desse recalque, o qual se opera a partir do eu, do *Ich* mais exatamente, pois este participa tanto da natureza do sujeito quanto da do eu.

Fazer da angústia a causa do recalque parece implicar reconhecer que a pulsão é nela mesma um perigo, pois por que recalcá-la, senão porque ela tem algo de perigoso? Mas essa não é verdadeiramente a conclusão de Freud. Ele nota que a criança se amedronta com as exigências de sua libido como com uma "ameaça interna", mas apenas em razão "do perigo externo", "real", condicionado por essas exigências, diz Freud.

A pulsão não é, pois, nela mesma o perigo, e isso me leva à definição que ele dá do traumatismo. Nesse capítulo

sobre a angústia e a vida instintual, ele propõe uma primeira definição: é traumatismo o elemento impossível de afastar segundo as normas do princípio do prazer. O adendo B em *Inhibition, symptôme et angoisse*, depois de desenvolvimentos relativamente sinuosos e matizados, dava uma definição de uma notável simplicidade: situação vivida, o que quer dizer atual, de desarvoramento. Esse termo mesmo é precisamente definido. Freud o refere a uma quantidade de excitação. O desarvoramento surge quando o indivíduo, segundo Freud, encontra um perigo – físico ou pulsional – produzindo uma excitação que esse indivíduo é impotente para descarregar ou canalizar.

O desarvoramento é definido aqui fundamentalmente sem referência ao Outro, ele é definido inteiramente por uma relação entre uma quantidade de excitação – que poderia certamente vir do Outro – e o que Freud chama "as forças" do sujeito, a saber, sua capacidade para suportar, canalizar ou distribuir essa excitação. E aqui, então, Freud chega a isolar verdadeiramente o traumatismo para produzir o que ele chama uma angústia real, de forma alguma neurótica.

Pode-se questionar o que é esse perigo fonte de excitação. Ele pode ser real. Sabe-se a referência de Freud quando ele fala de excitação física em relação à qual o indivíduo pode ficar desarvorado. É a tese de Rank sobre o traumatismo do nascimento, com esses fenômenos ao mesmo tempo de sufocamento e de compressão que supostamente acometem o corpo mesmo do feto na ocasião do nascimento. É o lado mais orgânico da angústia. Quanto à excitação psíquica, esta vem, todo o contexto o indica, da vida instintual, do caráter excitante das pulsões e, portanto, nessa face do traumatismo, ele parece implicar que a exigência pulsional nela mesma poderia ser traumática, o que seria bastante compatível com um certo discurso que temos hoje na psicanálise. E isso produz duas fontes da angústia traumática, com pontos de junção que se poderiam representar com os círculos de Euler.

E depois, o que é surpreendente, Freud refuta essa idéia da pulsão traumática. Sua idéia é que não é a pulsão que é traumática, mas o fato de que ela encontra entraves que vêm de fora e que impedem traumaticamente sua satisfação. Daí a conclusão de que o traumatismo vem sempre de fora.

Sem dúvida vocês conhecem ou retomarão o encaminhamento de sua argumentação, que acentua o fato de que o exercício da pulsão acarreta retaliações – tema que se poderia aplicar a muitos fenômenos atuais!

A retaliação mais importante, que foi tão elaborada por ele, é evidentemente a castração. A angústia de castração que nasce quando a criança percebe que sua exigência pulsional entra em conflito com as exigências do Outro, aqui o Outro paterno. Freud chega mesmo a dizer – é preciso ler esse texto – que em si mesma a castração não é o perigo, o perigo na castração é que ela impeça a satisfação pulsional. Bem entendido, só se compreende essa tese porque Freud chama castração a privação do órgão, ele não a toma no sentido de Lacan. Por que a criança teme perder seu órgão? Não é tanto que o órgão tenha em si mesmo um grande valor, mas que, como tão bem o mostrou Ferenzi, perder o órgão é perder a possibilidade de gozar da mãe. O perigo, aqui, é, pois, menos a perda do órgão que a da satisfação que ele condiciona.

E, assim, vê-se Freud insistir, de uma forma totalmente categórica, sobre o fato de que só existe um único perigo, mas que é enunciado de forma quádrupla.

A primeira angústia é relativa à insatisfação da necessidade vital, tese que se encontra em Lacan tão discretamente que talvez não seja percebida, mas que se encontra em *Subversion du sujet et dialectique du désir* [8], em que Lacan conecta a angústia, não ao desejo – como o faz freqüentemente e como se tem o hábito de repeti-lo – mas à satisfação da necessidade ou à sua insatisfação.

[8] Lacan. *Écrits* (1966, p. 814).

Em seguida, há angústia e o perigo que se elabora no período de dependência como angústia de perder o objeto primário. Contudo, insisto, ele sublinha que só se teme perder o objeto primário porque este garante a satisfação pulsional. Então, aqui ainda, por trás do medo de perder a mãe, o que há? O medo de perder a satisfação pulsional.

Em seguida, vem a angústia de castração na fase fálica. A tese é análoga. Poder-se-ia crer que é uma angústia essencialmente narcisista de mutilação, de perda de uma parte do corpo; aqui, muitas coisas podem ser desenvolvidas, mas em última análise, a angústia de castração remete ao perigo de ser privado da satisfação do acesso ao objeto. Isso é nítido.

E enfim, em quarto lugar, como elaboração posterior do perigo, tem-se a angústia diante do supereu que substitui os temores precedentes.

A conclusão se impõe: todos esses textos vão no sentido de dizer que a libido e a pulsão só indiretamente são traumáticas para o sujeito.

Na mesma linha, e ainda que dando aqui um salto, vou opor fantasia e trauma. Talvez precise matizar em seguida, mas começo com isso.

Primeiro, a fantasia tem um uso que é, em todos os casos, quaisquer que sejam suas formas, um uso de satisfação, um uso que consiste em sustentar um desejo. É visível muito claramente nos estratos, nas camadas mais conscientes da fantasia e em particular na "fantasiação" dos sonhos diurnos que o sujeito mantém de bom grado, à qual se presta pouca atenção, mas nos quais o sujeito se auto-satisfaz. Neste nível, a fantasia, bem longe de angustiar, encanta, é certo. E notemos que, mesmo quando ela não está sendo considerada no nível dos devaneios agradáveis, mas no nível das representações, dos *scripts* que se impõem ao sujeito apesar dele próprio, a despeito do desprazer ou da angústia, ela funciona, contudo, como condição de gozo e, notadamente, condição de gozo sexual.

No fundo, é o que Freud descobriu e desenvolveu com a fantasia "Bate-se numa criança". *Bate-se numa criança* ilustra claramente que um *script* de gozo, cujo conteúdo não é em si mesmo agradável ou harmonioso, presta-se, no uso que o sujeito faz dele, para sustentar o gozo, seja na masturbação seja na própria relação sexual.

Nos dois casos, portanto, em todos os níveis e quaisquer que sejam as variedades possíveis, vê-se que a fantasia instaura uma relação imaginária com o outro não raro complexa e a partir da qual o sujeito se apropria da satisfação, mesmo nos mais negros *scripts* da fantasia, se posso utilizar esse termo em oposição à fantasia cor-de-rosa, como se diz.

Essa operação é uma substituição que o matema permite escrever. No lugar do que escrevemos A maiúsculo, a saber a lacuna que se manifesta no Outro e que é a lacuna mesma do simbólico na medida em que ele não recobre todo o real, a fantasia coloca o que Lacan nos ensinou a escrever *a*, com o qual designamos um mais-gozar real, ainda que, imaginária, a fantasia envolva o mais gozar em um *script* que o fixa.

$$\frac{a}{A}$$

Observo então, primeiramente, que esse uso de satisfação da fantasia objeta ao que se situa como traumático.

Em segundo lugar, gostaria de sublinhar que há escondida uma função epistêmica da fantasia, na medida em que a fantasia é uma resposta. Na economia do sujeito, a fantasia é uma resposta precisamente ao *che vuoi?*, isto é, à barra sobre o Outro e, na medida em que ela é resposta, colmata precisa-

mente o ponto de angústia diante do enigma do Outro e da opacidade do Outro.

Gostaria de deter-me um pouco na questão.

De início, Lacan abordou a fantasia como imaginária. No texto *Subversion du sujet et dialectique du désir*[9], ele o diz explicitamente, quando, depois de comentar a fórmula da fantasia, acrescenta: "Assim se fecha a via imaginária por onde na análise devo advir"[10]. Então, se vocês examinarem o grafo do desejo, a fantasia é um *ponto de basta*[11] imaginário do sujeito. Entretanto, logo ele tempera, compensa esse lado imaginário, qualificando a fantasia de "significação absoluta", pois o absoluto se aproxima um pouco do real, faz objeção à dialética.

Se olharmos do lado da *Logique du Fantasme*, foi sem dúvida nesse seminário que Lacan mais acentuou a fantasia como real, ao mesmo tempo conectando-o ao simbólico. Digamos que todo o seu comentário situa a fantasia como uma frase – exemplo de *On bat un enfant*, e isso é simbólico –, mas que vale como real.

E de fato, há realmente algo que participa do real na fantasia, além do gozo que ela veicula, que é sua fixidez, sua constância, em outros termos, seu caráter impossível de mudar, que permite aplicar-lhe a definição do real como "o que volta sempre ao mesmo lugar", e que lugar senão, precisamente, o lugar definido pelo buraco no Outro. Poder-se-ia sobre isso dizer também o que Lacan diz da verdade em *Radiophonie*: "O que faz função de real no saber que se acrescenta ao real"[12]. Evidentemente, é uma frase na qual há duas definições do real: o real fora do simbólico ao qual se acrescenta um saber, e algo do simbólico, portanto, no qual alguma coisa que faz função de real por sua constância e sua fixidez resistindo à dialética do simbólico.

Digamos ainda de outra forma: a fantasia é uma sutura do sujeito na qual a lacuna do sujeito é tamponada por um objeto imaginário e real ao mesmo tempo, mas que participa do real por sua estabilidade, sua constância.

Notem, aliás, que estamos falando de "travessia da fantasia". A questão colocada em nossas elaborações atuais em torno do passe é saber se atravessar a fantasia transforma no que quer que seja essa fantasia. Será que isso abala a fantasia ou será que, simplesmente, isso faz aparecer – lucro epistêmico – sua função de sutura, sempre particular e contingente para cada sujeito. Dito de outra forma, atravessar a fantasia seria desprender-se dela em alguma coisa, ou simplesmente isso consis-

[9] Lacan. Subversion du sujet et dialectique de désir. In: *Écrits*. (1966)

[10] *Écrits*., p. 816 e nos *Escritos*, p. 831.

[11] *Capitonnage* em francês pode se traduzir como estofamento, mas se refere ao "point de capiton" traduzido em português por "ponto de basta" ou "ponto de capiton".

[12] Lacan Radiophonie (1970) In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001. E em *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

tiria em perceber com que se tampona o buraco do simbólico? É uma questão colocada que se refere à função de real da fantasia.

Então, posso agora completar os traços pelos quais havia distinguido trauma e fantasia. Eu havia distinguido dois traços e posso acrescentar que a fantasia, que é do sujeito, mantém-se nos limites do princípio do prazer, enquanto o trauma é uma ruptura vital ou sexual que excede o princípio do prazer.

O que permite dizer que a fantasia se mantém nos limites do princípio do prazer, ainda que faça função de real? É que a fantasia supõe toda a economia significante e que, no fundo, ela é o segredo da homeostase do sujeito, o segredo, diz Lacan, de seu "chão". Mesmo que se diga em certos dias que se "perdeu o chão", a fantasia é o que faz com que se tenha sempre o mesmo chão e que, no fundo, ela regule todas as expectativas de um sujeito, todas as suas expectativas vitais, todas as suas convicções, todas as suas reações. O gozo, apanhado na rede da fantasia, está inteiramente canalizado pela organização simbólica e, nesse sentido, ele é muito oposto ao traumatismo.

Marquemos ainda algumas diferenças.

– O traumatismo se impõe em uma temporalidade de ruptura: o sujeito não tem nele a mínima parte, isso lhe cai em cima. É uma temporalidade de instante, mas de um instante que não se esquece facilmente, enquanto existem tantos instantes que se evaporam no esquecimento e a partir do qual se instala uma constância, como uma onda que se propaga, rebelde ao apagamento. De alguma forma, portanto, um instante que engendra algo, uma perpetuidade.

– A temporalidade da fantasia é antes invertida. Há uma constância da fantasia, é o chão permanente do sujeito, mas essa constância, um pouco como o baixo contínuo em uma peça musical, mal se ouve, fica em surdina e só emerge, como diz Lacan, no "instante da fantasia". Quer dizer que as epifanias dessa constância em surdina emergem como espécies de picos temporais, repetidos em um sujeito cada vez que ele se confronta com o Outro e com a angústia que convocam, imaginária ou realmente, o tampão que lhe é próprio.

Nesse sentido, vocês vêem, a fantasia não é traumática, ela é mesmo a cura já realizada do traumatismo que é o encontro com o Outro ou com a barra sobre o sujeito. Evidentemente, o que complica um pouco as coisas é que a felicidade do sujeito pode ser incômoda para a pessoa e também para a sociedade, às vezes, pois, como cada um sabe, a felicidade de uns pode fazer a infelicidade do outro. Lembro a vocês, entretan-

to, a fórmula de *Télévision*: "O sujeito é feliz". Os pacientes são infelizes, sem dúvida, mas o sujeito é feliz. "*Bon-heur*"[13] como escreve Lacan, o *heur bon*, sem o "e", pois não se trata da hora (*heure*) do relógio, mas do *heur* (chance) do encontro, sempre bom a partir do momento que o sujeito está armado de uma fantasia que satura sua lacuna e lhe garante só encontrar sempre o que ele espera: o mesmo modo de satisfação, o mesmo mais-gozar. "O sujeito é feliz" quer dizer que mesmo que ele esteja aberto à contingência, a fantasia é o que filtra essas contingências conforme sua conveniência, ou seja, a fantasia é o que palia os maus encontros... do traumatismo pelo real. A segurança da fantasia pode ser pesada para o sujeito, pois ela é o vetor de todos os seus sofrimentos, sabe-se muito bem, mas é uma segurança contra o real.

[13] *Bonheur*: felicidade; *heur*: agouro, augúrio, sorte, chance, fortuna. *Heur* é homofônico com *heure* (hora) e com *heurt* (choque, golpe).

A tal ponto que se pode perguntar seriamente se um sujeito feliz, isto é, suturado por sua fantasia, armado de sua fantasia para paliar toda eventualidade, se um sujeito feliz é traumatizável, ou se antes ele não é fechado, o que quer dizer impermeável a todo encontro que não esteja no programa de seu inconsciente.

Creio que era a idéia de Lacan a respeito dos neuróticos, quando ele os chamava "insubmergíveis", ou seja, refratários às catástrofes reais.

É então que se apreende que nenhum encontro, por mais brutal que seja, não poderia ser traumático sem uma participação subjetiva. É o que Freud sublinha nas últimas páginas de *Inhibition, symptôme et angoisse*, quando ele nota que o perigo externo só é traumático se passar por uma "interiorização". Não basta que alguma coisa lhe caia em cima para que uma marca indelével se inscreva para sempre. Posso, então, reformular minha pergunta de outro jeito: em que medida um sujeito armado de sua fantasia pode receber novas marcas? Coloco a questão de forma radical, ainda que na resposta não seja necessário dispensar a sutileza.

E se questionamos o tratamento analítico e o papel do psicanalista na transferência, se dizemos que, além de ser sujeito suposto saber, ele é objeto, não será necessário dizer também que ele assegura o *bon-heur* do sujeito, ou seja, a repetição? Se, como tudo indica, o acoplamento transferencial ao analista reproduz o arranjo da fantasia, coloca-se a questão de saber como, em que condições e até onde a manobra analítica poderia chegar a traumatizar o sujeito, no sentido em que traumatizá-lo seria intervir um pouco sobre a sutura, "dessuturar" o suficiente para que se descubra a lacuna radi-

cal que o privaria da segurança da fantasia. Mas deixo aqui essa questão.

Como explicar o fato de que a fantasia, que na realidade palia o traumatismo, tenha se apresentado, de início, sob a forma do traumatismo, sob a forma dos *scripts* de sedução traumática? Mais precisamente, por que a fantasia histérica se apresenta classicamente acobertada de traumatismo?

A resposta se encontra sem dúvida no fato de que "o desejo é o desejo do Outro". Essa fórmula encontra sua máxima aplicação nos histéricos e no nível do núcleo histérico do sujeito. Ali onde a questão sobre o desejo e sobre a aspiração ou a recusa do gozo passa pela interrogação do Outro, pela referência ao desejo e ao gozo do Outro. Para dizê-lo de outra forma, a fantasia histérica é uma fantasia do Outro, no sentido objetivo do "de", ela inclui uma suposição concernente ao gozo do Outro. Constata-se, com efeito, que as cenas fantasísticas de sedução, das mais inocentes às mais terríveis, apresentam-se sempre como encontro de uma suposta vontade de gozo do qual o sujeito é o objeto.

Os exemplos não faltam, a começar pelo que Freud dá no fim de seu texto sobre *Esquisse d'une Psychologie Scientifique*[14]. Vocês conhecem o caso da garota histérica que não podia mais entrar nas lojas e para a qual ele decifra as cenas sucessivas recobertas pelo significante loja, até a de seus oito anos na qual se inscreve o ricto de um velho que a tocara através de seu vestido, a saber, o encontro da vontade gozo sexuado do Outro, aqui, do homem.

Não é tudo, sem dúvida, já que Freud coloca a ênfase sobre a resposta de gozo do próprio sujeito sob a forma de uma excitação sexual. Esta se produzindo como a contragosto, entretanto, permite ao sujeito elidir sua própria participação e transferir para o Outro a recusa experimentada na indignação e no horror. Encontra-se aí o segundo traço que explica que a fantasia se tenha apresentado sob a forma do traumatismo: não se trata apenas de que o desejo seja o desejo do Outro; é que o desejo histérico, muito particularmente, não quer um Outro que goze. Ele quer um Outro que saiba e que produza o saber sobre o *agalma* do desejo, a fantasia incluindo com evidência uma tomada de posição do sujeito em relação a esse gozo encontrado do lado do Outro.

Eu evocava essa garota fóbica das lojas, seria melhor ainda evocar a imagem paradigmática que Freud propõe da histérica que com uma mão levanta sua saia e com a outra a abaixa. O desejo é o desejo do Outro que se vai procurar levantando

[14] Freud. La Naissance de la Psychanalyse – Esquisse d'une Psychologie Scientifique (1895 / 1986, p.312).

sua saia, mas é também o desejo histérico que diz "não" ao encontro da resposta de gozo.

Creio, no fundo, que com o que sabemos da estrutura histérica, concebe-se bastante bem que a fantasia – na medida em que é do sujeito, pelo menos em parte, que ela implica sua posição em relação ao gozo – que a fantasia se tenha apresentado como um traumatismo vindo do Outro.

Tradução
Sílmia Sobreira

referências bibliográficas

Briole, Guy. *Le traumatisme psychique, rencontre et devenir*, s.d.

Freud, Sigmund. (1895) La Naissance de la Psychanalyse – Esquisse d'une Psychologie Scientifique. In: *Sigmund Freud Oeuvres complètes.* Paris: PUF, 1986. Volume I.

Freud, Sigmund. (1919) Un enfant est battu. In: *Sigmund Freud Oeuvres complètes.* Paris: PUF, 1996. Volume XV.

Freud, Sigmund. (1926) Inhibition, symptôme et angoisse. In: *Sigmund Freud Oeuvres complètes.* Paris: PUF, 1986. Volume XVII.

Freud, Sigmund. (1915-1917) Nouvelles Conférences sur la Psychanalyse. In: *Sigmund Freud Oeuvres complètes.* Paris: PUF, 1986. Volume XIV.

Lacan, Jacques. Radiophonie. *Scilicet.* Paris n.2/3, 1970.

Lacan, Jacques. *Télévision.* Paris: Seuil, 1974.

Lacan, Jacques. *Le séminaire: La logique du fantasme.* Inédito.

Lacan, Jacques. Subversion du sujet et dialectique du désir. In: *Ecrits,* Paris: Seuil, 1966.

resumo

Depois de observações preliminares sobre a atualidade da questão do trauma fora da psicanálise, a autora retoma a questão da articulação traumatismo-fantasia que se encontra no início da psicanálise. Desde um recorrido da obra freudiana, ela diferencia e opõe as duas dimensões, já que a fantasia, longe de ser traumática, é a cura já realizada do traumatismo, que é o encontro com o Outro ou com a barra sobre o sujeito. No entanto, se fora confundida com o trauma, é estruturalmente fantasia do trauma do Outro.

abstract

After preliminaries observations about the actuality of the trauma question out of the psychoanalysis field, the author explores the links between trauma and fantasy which belongs to the beginning of the psychoanalysis discovery. Going through the Freudians texts she differentiates and opposes them since the fantasy represents the trauma's cure. However, if they have been confused at the beginning of psychoanalysis, is because structurally the fantasy is fantasy of the Other's trauma.

palavras-chave

Traumatismo, fantasia, pulsão, angústia

key words

trauma, fantasy, pulsional, anguish